

Especial

Sindi quim

REVISTA
MARÇO 2012 - Nº 50



CUT



FETQUÍM



Comissão das Mulheres Químicas do ABC
2002 - 2012: dez anos fazendo história

EXPEDIENTE

Sindicato dos Químicos do ABC

Av. Lino Jardim, 401 – Vila Bastos

– Santo André

Tel. (11) 4433 5800

www.quimicosabc.org.br

Presidente: Paulo Lage

Secretário de Formação: Rodolfo Morette

Secretário Geral e de Imprensa: Sidney Araújo
da Santos

Agradecimentos: Josenildo Melo, Pécio

Plensack, Maria da Penha Fumagalli ...

Produção

Ágama Criação em Mídia e Imagem

Reportagem e redação: Fernando Bella

Edição final: Gislene Madarazo (MTb 33.074)

Editora de Arte: Maria Cristina C. Miyamura

Repórter Fotográfico: Dino Santos

Tiragem:

Gráfica: NSA

Permitida a reprodução somente com
autorização e citação da fonte. A publicação não
se responsabiliza por declarações de terceiros e
matérias assinadas.

Março 2012

2002 – 2012:
dez anos fazendo história



10 Anos

Direção Sindicato dos Químicos do ABC

Airton Cano
Antonio Bezerra da Silva
Antonio Odésio Vieira Diniz
Aparecido Donizeti da Silva
Armando Souza Cruz
Cleiton Aparecido Pedro
Danielle de Cássia Franco
Edilene Nascimento de Moraes
Ednea Sena da Silva (Licenciada)
Fábio Augusto Lins
Francisco Sales Vieira
Geraldo Melhorine Filho
Gerson Luiz dos Santos
Ionara Carvalho Cruz
Jesuino Alves de Oliveira (In memorian)
Jansen Nunes Rosa
Jociel Leite souza
Josenice Pedro da Silva Ruiz
José Alaécio da Paixão
José Antonio Gomes Ferreira
José Evandro Alves da Silva
José Freire da Silva
José Fernando da Silva
José Francisco de Santana
Juvenil Nunes da Costa
Lucimar Rodrigues da Silva
Luiz Carlos Theobald
Maria da Penha A. Fumagalli
Maria Ferreira da Silva
Milton Nunes de Brito
Osmar de Assis Ribeiro
Pasquale Musciacchio
Paulo Antonio Lage
Paulo José dos Santos
Paulo Sérgio da Silva Lima
Raimundo Souza Suzart Lima
Rodolfo Morette
Ronaldo de Oliveira
Rubens Oliveira do Nascimento
Sergio Luiz Marcondes Carasso
Sergio Novais
Sidney Araújo dos Santos

Comissão das Mulheres Químicas do ABC

ÍNDICE

1.	Apresentação.....	06
2.	Uma década escrita por elas.....	07
3.	Cidadania fortalecida.....	13
4.	Arte como aliada nas lutas.....	19
5.	Entrevista: Ivete Garcia.....	23



Não se nasce mulher, torna-se (mulher)

Simone de Beauvoir

s atos e atividades do Dia Internacional da Mulher, em março de 2002, foram palco para a criação da Comissão das Mulheres Químicas do ABC – na verdade, uma reformatação, na medida em que na década de 80 já havia uma comissão organizada no Sindicato, mas estava inativa. Essa reativação completa agora dez anos de lutas, de ação e com muita emoção.

Um dos principais coletivos do Sindicato dos Químicos do ABC, a Comissão de Mulheres ganhou de presente esta publicação especial da Revista Sindiquim – esta também até então desativada, mas que renasce sempre que convocada para registrar fatos da importante e bonita história da categoria química do ABC.

O renascimento da Comissão; as transformações - não só das condições de trabalho, mas também da vida de muitas pessoas-; as ferramentas sutis, como o teatro; as conquistas; a participação nas instâncias da CUT e nas políticas públicas, e um breve histórico da mulher química do ABC feito pela companheira Ivete Garcia especialmente para esta publicação.

Nas páginas seguintes, você conhecerá um pouco do que foram estes dez anos da Comissão que fez e faz história, buscando, a cada dia e a cada ação, a igualdade de gênero e um país melhor e mais justo para toda a classe trabalhadora.

Ionara Cruz

Coordenadora da Comissão das Mulheres Químicas do ABC

Uma década escrita por elas

Para contar a história dos 10 anos da Comissão de Mulheres Químicas do ABC nada melhor do que ouvir um pouco das memórias de quem participou de forma efetiva na construção desta organização, ainda em meados de 2001, quando foram dados os primeiros passos sob o rótulo de Pró-Comissão. O que se queria naquele momento era dar continuidade ao trabalho feito por companheiras na década de 80 quando o Sindicato dos Químicos do ABC contou com estrutura bastante similar a uma Comissão de Mulheres capitaneada pela companheira Ivete Garcia. Também havia uma preocupante onda de transformação no ambiente de trabalho e que precisava urgentemente ser contestada. Era preciso levantar bandeiras para que não houvesse diminuição da admissão de mulheres,

“

*Porque há o direito ao grito,
então eu grito.*

Clarice Lispector

o que se viu em algumas das principais indústrias químicas da região e, paralelamente, garantir àquelas que estavam dentro das fábricas a manutenção de direitos conquistados até então.

Os encontros começaram efetivamente em novembro de 2001. Foi quando se desenhou uma agenda da Pró-Comissão para uma série de reuniões que seriam o estopim da aglutinação das companheiras em busca de formar a comissão. As primeiras reuniões tiveram como temas a capacitação da mulher para ser

agente ativo na estrutura sindical, políticas públicas voltadas a elas, reforçar a importância de que era necessária pauta específica nas negociações coletivas e discutir a violência sofrida pelas trabalhadoras dentro e fora das fábricas. O movimento ganhou força e no começo de 2002 havia um cenário bastante positivo para que houvesse, em conjunto com o Sindicato dos Químicos de São Paulo, a oficialização de uma comissão de gênero. E foi naquele ano que tudo começou.



Resgate das memórias: chá da tarde, em 14 de outubro de 2011, reúne companheiras para relembrar como tudo começou



Chá com as mulheres da Categoria Química do ABC com apresentação de peça de teatro em abril de 2000

Em chá realizado na sede do Sindicato dos Químicos ao final de 2011 para que houvesse momento de resgate das memórias, as mulheres lembraram com bastante saudosismo os primeiros atos que transformariam de vez a forma de participação da mulher no universo sindical da categoria química. Companheiras como Penha, Ionara, Silvia, Alaide, Sônia, Lucimar, Lídia e Lucineide, além de Pércio e Rodolfo – educador sindical e secretário de formação, respectivamente – ficaram cerca de duas horas relembando fatos. Está ainda vivo na cabeça de todos as dificuldades do início da caminhada para chegar a esta primeira década de trabalhos da Comissão das Mulheres.

As primeiras reuniões começaram com cinco mulheres, que nas reuniões seguintes tinham como lição de casa convidar mais uma companheira. “Lembro o dia da primeira reunião. Havia até aquele momento uma boa vontade de todos da categoria para que fosse feito algo pelas trabalhadoras. O que se via eram

atividades isoladas que lembravam os anseios e as lutas por melhorias específicas para elas. O que nós queríamos com a Pró-Comissão era mostrar que passaria a haver uma organização viva que iria além de atos isolados”, recorda Pércio.

O dia D

Foi em 7 de março de 2002 que houve um ato que marcaria de forma bastante positiva a abertura do caminho para que se oficializasse a formação da Comissão

II Encontro das Mulheres Químicas do ABC, em 1991



Encontro Temático:
Mulher na Política,
2002



das Mulheres. Em frente a Kolynos – hoje Colgate-Palmolive –, que havia passado por processo de redução de mulheres em seu quadro de trabalhadores/as, as companheiras mostraram a garra necessária para ressaltar que era possível elas terem voz no cenário sindical. Na oportunidade, houve uma importante participação da companheira norte americana Carolyn Kazdin, que tinha papel significativo na central sindical AFL-CIO, nos Estados Unidos e trouxe ao Sindicato dos Químicos do ABC valiosa contribuição para entendimento de como organizar as trabalhadoras a ponto de se ter uma comissão forte e ativa.

No dia seguinte ao ato, foi realizado o encontro temático “Mulher na Política”, na sede do Sindicato dos Químicos e Plástico de São Paulo. Nada mais apropriado para o anúncio oficial de que a partir daquela data estava formada a Comissão de Mulheres Químicas. E foi no ABC que a estrutura se consolidou, a ponto de hoje ser referência para outras instâncias e até outros sindicatos

de classe.

Alguns registros do Sindicato ajudam a mostrar como a existência da Comissão de Mulheres Químicas do ABC incentivou todas as trabalhadoras da categoria a olhar com mais atenção para seus direitos e entender como seria possível conquistar seu espaço. Ainda em 2002, o VIII Congresso dos Químicos do ABC contou com 12% de mulheres no universo de delegados participantes. Em 2005, o número passou para 26% de mulheres presentes no IX Congresso. “O ano de 2005 foi mesmo um divisor de águas para a Comissão de Mulheres. Até aquele momento as reuniões eram produtivas, mas ainda faltava planejamento para ter continuidade nas atividades. E um fato marcante mostrou a força delas dentro da estrutura sindical nesse Congresso”, revela Josenildo, que foi um dos com-

As primeiras reuniões começaram com cinco mulheres, que nas reuniões seguintes tinham como lição de casa convidar mais uma companheira

Um grande ato na Kolydos (hoje Colgate-Palmolive), em março de 2002, marca o início da Comissão



panheiros que também viveu de perto toda a história dos 10 anos de Comissão de Mulheres.

O fato que Josenildo se lembra como o divisor de águas foi o convite feito à Comissão de Mulheres para que elas ficassem responsáveis pela criação da oficina temática que falaria sobre assédio moral. E elas deram show. Criaram um novo conceito de formação no Sindicato dos Químicos do ABC ao levar para o evento o modelo de teatro para a apresentação e debate do tema assédio moral. A primeira peça **Só Sou fraca**

Sem Você fez sucesso e abriu caminho para a criação de mais duas peças teatrais que foram **A Violência da Porta para Dentro**, para abordar questões de violência doméstica contra a mulher, e a **Invisível Doença**, elaborada em conjunto com a Secretaria de Saúde para falar sobre LER/DORT. “Sem dúvida o teatro foi uma das ações que fizeram história e gerou ferramenta nova para o Sindicato dos Químicos do ABC levar informação aos trabalhadores/as de forma muito didática. Lembro de uma trabalhadora que assistiu **A Violência da Porta para Dentro** e que se emocionou, pois vivia aquele drama. Sabemos depois que ela resolveu a situação incentivada pelo

nosso trabalho”, lembra a companheira Silvia.

Agenda própria

Depois da criação da Comissão das Mulheres, em 2002, as mulheres passaram a ter uma agenda própria para garantir que não seriam esquecidas, em momento nenhum, as questões de gênero que passaram a fazer parte das convenções coletivas com pautas específicas. Elas colecionaram uma série de conquistas e deixaram legado histórico que deve sempre ser lembrado.

Uma das primeiras conquistas foi o **FormaquiMulher**, que passou a ser referência para a formação política e sindical das companheiras. A partir do

FormaquiMulher foi possível dar às trabalhadoras consciência de que elas precisavam, e poderiam lutar pelas causas da categoria e pelos seus direitos como cidadãs. O resultado foi o crescimento do número de mulheres na diretoria do Sindicato dos Químicos do ABC, secretarias regionais, na CNQ e na Fetiquim, entre outras instâncias. “Conseguimos uma série de benefícios diretos na relação de trabalho e, principalmente, na garantia de que as mulheres são parte fundamental na organização da categoria. Fizemos história”, reforça Penha. Entre as conquistas mais emblemáticas que foram pautas das convenções coletivas estão auxílio creche, ampliação de faltas abonadas para levar os filhos ao médico, estabilidade para casos de aborto e avanços nas negociações com as chefias na ampliação da licença-maternidade de 120 para 180 dias.

A conclusão após 10 anos é uma só: as mulheres deixaram de ser coadjuvantes para se transformarem em protagonistas no cenário sindical e político. E as companheiras que estiveram reunidas



8 de março - 2003

para o resgate da memória de uma década mostram desejo de manter a Comissão das Mulheres Químicas do ABC viva por muito mais tempo. Ao final do encontro, nostálgico e muito oportuno, para relembrar todas as ações realizadas até hoje, Pérsio pediu licença para reproduzir frase da escritora Clarice Lispector que serve de incentivo para todas as mulheres e vale ser registrada nesta publicação: “Clarice tem uma frase que é algo inspirador para manter a garra

das mulheres: Liberdade é pouco, o que eu desejo não tem nome”. A reação de todas as presentes não poderia ser outra que não os aplausos. E elas aplaudiam muito mais do que a frase recitada por Pércio. Elas aplaudiam a si próprias por ter, de alguma forma, materializado aquilo dito por Clarice Lispector. Elas sabem que, mesmo com muitas dificuldades, estes 10 anos da Comissão das Mulheres foi apenas o início da jornada, mas que servem como legado intangível para as gerações futuras. ●



Dinâmica do FormaquiMulher, em 2006



Cidadania fortalecida

“A mais bela de todas as certezas é quando os fracos e desencorajados levantam suas cabeças e deixam de crer na força de seus opressores”.

Bertold Brecht

Dilma presente na
Marcha das Margaridas
(ao lado) - Brasília, 16
e 17 de agosto/2011





A Comissão incentivou todas as trabalhadoras da categoria a olhar com mais atenção para seus direitos e entender como seria possível conquistar seu espaço

Ao procurar por momento emblemático para ilustrar a maior presença das mulheres químicas do ABC em mobilizações voltadas a temas de interesses de gênero e de cidadania, basta fazer um recorte no histórico da participação de nossas representantes na Marcha das Margaridas. No ano passado, foi realizada a quarta edição do evento e levamos até lá mais de 10 companheiras. Elas enfrentaram longa viagem e alguns percalços rumo a Brasília, mas marcaram presença na maior mobilização feminista na luta pelos seus direitos.

Na oportunidade, cerca de 100 mil mulheres se reuniram às 7h da manhã para caminhada que terminou às 12h em frente ao Congresso Nacional. Também foi entregue à presidenta Dilma Rousseff pauta com reivindicações sobre temas como violência contra mulher, direitos sexuais e reprodutivos, violências sexista, biodiversidade, saúde e educação. O movimento, aliás, foi criado em 2000 em homenagem à líder sindical Margarida Maria Alves morta em 1983 por denunciar na justiça usineiros e senhores de engenho e é promovido pela Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag).

O exemplo dado acima é apenas uma das ações desenvolvidas pelas mulheres químicas do ABC. Há exatos 10 anos, quando foi oficializada a reformatação da Comissão das Mulheres Químicas do ABC, foi dado o sinal de que haveria maior compromisso com assuntos ligados a elas. E a lição de casa tem sido bem feita. São inúmeras atividades que passaram a ser realizadas internamente, com foco em gerar informações para as trabalhadoras, e até mesmo em apoio a outras mulheres que passam por algum tipo de problema social.

A percepção de que houve uma mudança de paradigma com o advento da Comissão de Mulheres Químicas do ABC está estampada em ações realizadas ao longo das comemorações do 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, e na inclusão de atividades próprias em movimentos das categorias. Desde aquele março de 2002, quando houve o ato em frente à Colgate (ex Kolyonos) e a posse da comissão das mulheres, passamos a ver embalagem ideológica mais robusta quando o assunto é defesa dos interesses das mulheres.

Durante os últimos anos a comissão de mulheres desenvolve trabalho conjunto com a CUT (Central Única dos Trabalhadores). No dia 8 de março já é tradicional a distribuição de

materiais informativos nas principais fábricas da categoria para uma reflexão das companheiras, entrega de brindes para as mulheres nas portas de fábrica e participação de eventos com outras mulheres sindicalistas do País, visitas a locais históricos como ao Quilombo, em Ubatuba, e ao Memorial da Resistência (DOPS), entre outras.

Vale ressaltar também a participação efetiva nas Marchas das Mulheres – que contou, no ano passado, com a maior participação das mulheres químicas do ABC – e os encontros unificados realizados dentro da sede do Sindicato dos Químicos do ABC, em Santo André, com a Comissão de Saúde e o Coletivo de Jovens nos quais foram abordados temas como Lei Maria da Penha, câncer de mama, gravidez na adolescência e assédio moral e sexual, entre outros. Também foi no ano passado que a comissão de mulheres conseguiu reativar o Encontro de Mulheres Químicas. Foi o segundo encontro – o primeiro havia sido realizado em 2002, logo após a reconfiguração da comissão. “A ideia é que se diminua o tempo entre um encontro e outro. Se possível vamos fazer anualmente”, ressalta Ionara Cruz, coordenadora da Comissão de Mulheres Químicas do ABC. Na segunda edição do encontro, temas como a importância da mulher na política deram o tom do evento. Mas também não deixaram de dar atenção extra, como não poderia ser diferente, à saúde. A entidade Viva Melhor, dedicada a levar informações para prevenção do câncer de mama, esteve presente e foi também

amostra da capacidade de organização e de carga de informação relevante que passa a fazer parte do dia a dia das atividades com foco nelas.

De dentro para fora

Um dos tópicos que dificilmente fica de fora nas reuniões de planejamento da Comissão de Mulheres Químicas do ABC, ao longo dos 10 anos de atividades, são as ações que serão realizadas que terão como objetivo levar para fora da entidade informação e até mesmo prestação de serviço em prol de todas as mulheres da sociedade.

Um dos acontecimentos recentes mais importantes para ilustrar a nova face da participação das mulheres nas atividades do Sindicato dos Químicos do ABC foi na comemoração dos 70 anos da entidade, em 2008. A luta das mulheres químicas foi elevado ao topo da lista de temas que seriam destacados. E o trabalho da comissão das mulheres foi intenso no levantamento do histórico de lutas, conquistas e avanços das mulheres nas sete décadas. A relevância do tema foi concretizada com a participação da comissão de mulheres em programas de televisão para



Encontro: A importância da participação da mulher na política em busca de seus direitos. Cajamar 15/09/2002



Comissão de Mulheres presente na Grande Ação de Cidadania. Cesa Parque Erasmo Assunção. 26_04_2008



Jornada Cidadã de 2008 - SESI de Santo André. 15_11_2008

Centro de Referência da Mulher

Prefeitura de
REGISTRO

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
GOVERNO FEDERAL



Visita a Registro
e Miracatu.
03/09/2001



que fossem mostradas todas as etapas desta luta e o que ainda é preciso fazer.

Na carona das comemorações do 70 anos, a Comissão de Mulheres Químicas do ABC ficou responsável ainda por ação social realizada naquele ano e que contou com prestação de serviços como emissão de documentos, corte de cabelo, exames básicos de saúde preventivos e exposição de assuntos ligados à saúde da mulher como DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis), uso do preservativo e câncer de mama. Neste mesmo molde, a Comissão de Mulheres passou a fazer parte efetivamente de estande do Sindicato dos Químicos nas Jornadas Cidades ABCD Maior, importante evento do veículo de comunicação com sede em São Bernardo.

Outra importante ação foi visita organizada pela comissão de mulheres para levar companheiras químicas até o Vale do Ribeira, na cidade de Registro, que conta com trabalho de mulheres artesãs

e do grupo de mulheres da biomassa ambos provenientes da bananeira verde, e fomentar a troca de experiências com estas mulheres que vivem em realidade totalmente diferente. A visita realizada em setembro do ano passado pode ser visto como o maior exemplo do benefício que a comissão de mulheres pode promover quanto se fala em cidadania. A expectativa é que as mulheres sindicalistas levem a experiência de organização que ajudem as mulheres artesãs a conseguir maior incentivo do Poder Público. O projeto é coordenado no Vale do Ribeira por Maria Madalena Pereira. Segunda ela, o projeto pretende gerar qualidade de vida, inclusão social e geração de renda para as mulheres

Também há proposta para que se traga todo o conhecimento daquela região na questão da biomassa e culinária para realização de cursos para as mulheres químicas aposentadas e também mulheres que estão em abrigos por estar em situação de violência, o que auxiliaria a lhes dar bagagem para que desenvolvam atividade que gere renda. Mais do que as ações voltadas às trabalhadoras químicas em atividade, a Comissão das Mulheres tem feito de forma exemplar seu papel de levar para fora a prestação de serviço e o tema cidadania. ●

Participação da Comissão
em programa de TV.
22_08_2008



Arte como aliada nas lutas

A arte sempre foi uma aliada da sociedade como uma forma de expressar sentimentos, indignações e até mesmo de provocar manifestações. Mas no universo sindical havia, até a metade da década passada, um formato quase que único para abordagem de temas ligados ao trabalho, interesses dos trabalhadores e à saúde. Na maioria das vezes, as entidades de classe realizam palestras, seminários e materiais informativos para passar conteúdos e mostrar a importância de determinada questão. Mas a Comissão das Mulheres do Sindicato dos Químicos do ABC contribuiu para quebrar este paradigma. Nossas companheiras elegeram a arte e a cultura também como ferramentas de formação e informação dentro de todas as instâncias sindicais do ramo químico.

O primeiro passo, ainda tímido, foi dado em 2005. A Comissão de Mulheres foi convidada a participar do 9º Congresso do Sindicato dos Químicos do ABC com a elaboração de oficina que trouxesse à tona debates

sobre o Assédio Moral. Foram atrás de especialista no assunto, como Roberto Heleno_____, e da companheira Maria Amélia de Almeida Teles, a Amelinha, integrante da União de Mulheres de São Paulo, para que ministrassem as palestras. Mas não satisfeitas, entenderam que poderia ser feita espécie de abertura em forma de teatro para chamar ainda mais a atenção dos participantes. Nascia ali a primeira peça de teatro da Comissão de Mulheres Químicas do ABC com o nome **Só Sou Fraca Sem Você**. “Na verdade era algo bem simples feito apenas para aquele momento. Era amador, mas com conteúdo e apelo ao tema”, relembra o companheiro Josenildo Melo, que participou de perto da elaboração do roteiro e fez parte do elenco. Naquele mesmo dia, o grupo foi convidado a levar a peça em outro sindicato por representante que havia assistido a apresentação. “Nós até nos assustamos com o convite, mas aceitamos”, lembra Josenildo. A partir

“Deixe que eu ouça
que eu veja
que eu sinta
o grito
a cor
e a forma
da minha libertação
Solano Trindade

Comissão debate Assédio Moral por meio da linguagem teatral com os delegados e delegadas do IX Congresso dos Químicos do ABC





feita em conjunto para
exposição do Artquim.
20_10_2007

dali, a peça foi vista por centenas de pessoas em sindicatos, associações de bairro, universidades e atividades da CUT. “Chegamos a ter plateia com 600 espectadores e levamos até para outros estados”, relata Josenildo.

Com o sucesso do projeto de teatro houve uma percepção do Sindicato dos Químicos do ABC de que realmente havia um novo momento quando o assunto era se comunicar com os trabalhadores de forma didática e lúdica. Alguns outros aspectos ajudaram a sentir o retorno positivo daquela ação. O site do sindicato passou a ter mais de dois mil acessos mês e a maioria dos visitantes do portal buscava o link do vídeo da apresentação teatral.

Não demorou muito e a Comissão de Mulheres viu uma nova oportunidade. Com a Lei Maria da Penha sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o tema passou a estar presente nas reuniões. As trabalhadoras estavam ávidas em saber mais dos seus direitos e entender como poderiam se defender de agressões domésticas. Estava pronto o terreno para a segunda peça: Violência da Porta para Dentro. O momento também foi de afirmação diante a diretoria do sindicato que deu carta branca para



Reunião para elaboração da tela para o Artequim. outubro/2007

que o projeto fosse tocado adiante. “Pedimos uma ajuda tímida para dar um pouco mais de qualidade às apresentações. E a resposta que tivemos foi muito positiva da diretoria. Mostraram confiança no trabalho da Comissão de Mulheres”, sublinha Josenildo.

O sucesso com a peça com o tema da Lei Maria da Penha foi ainda maior. Apresentações foram levadas para atividades internacionais com trabalhadoras da América do Sul e chegou a estampar boletins de outros sindicatos e de centrais sindicais. “A diretoria teve certeza de que estávamos fazendo algo sério e com peso político na formação das trabalhadoras. Imagina pegarem um boletim de um sindicato do Rio de Janeiro, como aconteceu, e verem a foto da apresentação em destaque na publicação”, conta Josenildo.

O passo seguinte foi o de mostrar que o teatro poderia se estender também para outros departamentos da entidade. Com este objetivo a Comissão de Mulheres e a Secretaria de Saúde elaboraram juntos o roteiro da terceira peça sobre LER (Lesão por Esforço Repetitivo), que era algo que chamava a atenção pelo aumento de número de casos nas fábricas. Com o título Invisível Doença, a terceira produção foi ainda mais profissionalizada e para reforçar a relevância do projeto, a primeira apresentação da nova peça foi feita na atividade que lançava o projeto para as comemorações dos 70 anos do Sindicato dos Químicos do ABC.

Puxadas pela atividade teatral outras ações culturais ganharam força. Tanto que na comemoração dos cinco anos da Comissão de Mulheres, em 2007, foi realizado trabalho conjunto com as integrantes para a elaboração de uma tela que seria exposta no Artequim (Salão de Artes dos Químicos do ABC).

O teatro foi uma das ações que fizeram história e gerou ferramenta nova para o Sindicato levar informação aos trabalhadores(as) de forma muito didática



Com o auxílio da curadora do espaço Nidy de Oliveira, as trabalhadoras elaboraram pintura coletiva e puderam expressar, cada uma da sua forma, como enxergavam a vida ou sua posição como trabalhadora. A tela está hoje exposta na sala Maria Ednalva, na subsele de Diadema.

Formar e integrar

As mudanças do mercado de trabalho a partir do final da década de 90 estimulou os dirigentes sindicais a pensarem mais na formação do trabalhador nas relações entre eles e os patrões. Também havia uma necessidade ainda maior de preparar outros companheiros para atividade sindical de forma mais ativa. Foi assim que se criou o Formaquim. A proposta, elaborada com a parceria entre Sindicato dos Químicos do ABC e Sindicato dos Químicos de São Paulo, era ter um curso para todos os trabalhadores. A primeira turma foi formada em 2001 e, naquele momento, ficou evidente outro enorme desafio que era o de tratar as questões das mulheres, como preconceito, relações trabalhistas e políticas públicas, de forma ainda mais específica. Já em 2002 foi formada então a primeira turma do FormaquiMulher.

O curso pode ser considerado o único do Brasil na questão de formação sindical voltada para as mulheres. Ele aborda temas como origem do trabalho, história das lutas das mulheres; divisão sexual no trabalho; políticas públicas; saúde e sexualidade; e feminismo, entre outros. O resultado que se espera é de integrar a mulher nas questões sindicais. Dar a elas a visão de que podem ocupar espaço na estrutura diretiva do sindicato, nas mesas de negociação e nas discussões das campanhas salariais.

De forma concreta, o Sindicato dos Químicos do ABC sentiu as mudanças nos últimos 10 anos da Comissão das Mulheres e do Formaquimulher com o aumento significativo do número de mulheres na diretoria. As mulheres ocupavam três cadeiras da direção em 2000. Já em 2006, eram seis representantes e, em 2009, o número chegou a oito diretoras. Até mesmo algo aparentemente simbólico é o maior exemplo da percepção de que as mulheres são ativas na estrutura sindical química do ABC foi a mudança do estatuto a partir de 2009, quando o nome passou a ser Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Ramo Químico do ABC. ●



Quadro de Homenagem à Maria Ednalva



FormaquiMulher em Cajamar

Com a palavra, a companheira **Ivete Garcia**



Ivete Garcia, é socióloga, foi Vice Prefeita (gestão 2005-2008) e Secretária de Orçamento e Planejamento Participativo (2005-2007); Vereadora por dois mandatos (1997-2000 e 2001-2004) e foi eleita a primeira mulher presidenta da Câmara Municipal de Santo André no biênio 2003-2004. Iniciou suas atividades políticas aos 14 anos na Pastoral da Juventude e na Juventude Operária Católica. Foi diretora do Sindicato dos Químicos do ABC e integrou a primeira Comissão Nacional Sobre a Questão da Mulher Trabalhadora da Central Única dos Trabalhadores e a Direção da CUT Regional ABC.

Participa do movimento de mulheres há 26 anos. Coordenou a primeira Assessoria dos Direitos da Mulher da Prefeitura de Santo André, gestão 1989-1992 na administração do prefeito Celso Daniel.

Como educadora coordenou o projeto de formação sobre relações de gênero no Instituto Cajamar (1993-1995). Atualmente é chefe de gabinete da primeira Secretária da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

Mulheres Organizadas



8 de março de 1996

A organização das mulheres trabalhadoras no Sindicato dos Químicos do ABC é parte da história recente da presença das mulheres na sociedade brasileira. A partir da década de 1970, as mulheres entraram em massa no mercado de trabalho; aumentaram seu nível educacional, ocupando as universidades; eclodiu o feminismo, reivindicando direitos iguais aos homens, nova divisão sexual do trabalho na família e a dissociação entre sexualidade e reprodução. Além disso, aliou-se com as mulheres de bairros populares que lutavam contra o aumento de preços e por creches, e com as trabalhadoras que começavam a manifestar-se nos sindicatos.

Tudo isso no contexto de mobilização contra a ditadura militar e pela volta da democracia, que marcou os anos finais da década de 1970 e a primeira metade da seguinte.

Em 1978, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema organizou o 1º Congresso das Mulheres Metalúrgicas, seguindo-se congressos das trabalhadoras químicas de São Paulo e outras categorias. A categoria química do ABC, que havia retomado o sindicato das mãos dos “pelegos” após 20

“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.”
Simone de Beauvoir

anos, reconheceu a presença de mulheres na base e promoveu, por meio do departamento de Cultura, palestras, debates e exibição de filmes para marcar o Dia Internacional da Mulher - 8 de Março.

As operárias das indústrias químicas assumiam as lutas concretas da categoria no chão da fábrica, lideravam greves e se destacavam pela sua coragem e ousadia. Mas sua presença nas lutas não se traduzia na atuação permanente no sindicato: poucas participavam de assembleias, encontros e congressos. Além de o sindicato ser um espaço majoritariamente masculino, as trabalhadoras enfrentavam problemas concretos que impediam sua participação sistemática: dupla jornada de trabalho, responsabilidade pelo cuidado com a família, maternidade e medo de perder o emprego. A situação do país era difícil, vivia-se num clima de ditadura, e muitas fábricas demitiam sumariamente quem participasse do sindicato ou fosse sindicalizado/a. Se era difícil para o conjunto da categoria, pior para as mulheres. Assim mesmo, o Sindicato, em 1985, contou pela primeira vez com duas mulheres na diretoria, que tiveram que conquistar o reconhecimento da categoria, não habituada a ver mulheres nas portas das fábricas, discursando em cima de caminhão de som, nas mesas de negociação, coordenando reuniões ou usando a palavra em assembleias.

Em 1986, algumas greves em fábricas importantes foram co-

As operárias das indústrias químicas assumiam as lutas concretas da categoria no chão da fábrica, lideravam greves e se destacavam pela sua coragem e ousadia.

mandadas por mulheres, como a da Fontoura, que durou quinze dias e trouxe conquistas significativas para as trabalhadoras. Foi um período marcado pelo surgimento de mulheres lideranças que iriam assumir a organização das trabalhadoras químicas e a direção da CUT Regional ABC.

Também naquele ano ocorreu o 2º Congresso Nacional da CUT, que criou a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora – CNMT/CUT, hoje Secretaria. As trabalhadoras químicas participaram como delegadas e na discussão da tese defendida pelas mulheres e aprovada no congresso. A CNMT/CUT, que teve o desafio de levar a organização das mulheres da central a todo país, contou com as químicas do ABC na coordenação, representando o Estado de São Paulo.

No final de 1986, a sede do sindicato dos Químicos do ABC foi palco de duas iniciativas importantes: a primeira reunião da comissão de mulheres trabalhadoras químicas e o primeiro en-



1988



II Encontro das trabalhadoras químicas - 1991

Na Comissão de Mulheres da CUT Regional ABC, as trabalhadoras químicas, metalúrgicas, vi-dreiras, coureiras, professoras, bancárias, costureiras, entre outras, protagonizaram momentos de luta e uni-dade que fizeram a diferença num período de muita discriminação e preconceito contra as trabalhadoras.

contro entre mulheres dirigentes de alguns sindicatos da região para a criação da Comissão Sobre a Mulher Trabalhadora da CUT Regional ABC.

A CUT Regional ABC, por outro lado, foi muito atuante na consolidação da política para as mulheres na CUT estadual e na nacional. Foi na CUT ABC que se realizou o primeiro seminário de formação sindical sobre a situação das mulheres trabalhadoras organizado pela CNMT-CUT, em 1989.

Foi um momento histórico que inaugurou uma nova fase na orga-

nização das trabalhadoras dentro dos sindicatos, na CUT e na sociedade, colocando as mulheres como protagonistas da luta de classes.

As trabalhadoras químicas conquistaram legiti-midade para aprofundar o debate sobre as desigualdades existentes entre homens e mulheres na categoria, formular propostas discutidas na direção do sindicato, desenvolver ações que levaram a algumas mudanças de práticas sindicais, contribuir para maior visibilidade dos problemas vividos pelas mulheres na categoria e ampliar a participação das trabalhadoras químicas nos espaços de representação sindical.

Neste sentido, merecem destaque:

- a mudança nos discursos da diretoria e na linguagem e símbolos da imprensa sindical, que passaram a reconhecer a existência das mulheres na categoria, como também a conquista de espaço no SINDIQUIM (jornal do sin-dicato) para denúncias, artigos e informações sobre as trabalhadoras;



8 de março de 1999

- a preocupação em ampliar o número de mulheres na direção do sindicato e nos espaços de representação como CIPAS e Comissões de Fábrica;
- a introdução de temas do cotidiano das trabalhadoras nas pautas das reuniões de diretoria, a adequação dos horários das atividades no sindicato à realidade das mulheres e a organização de creche durante as atividades;
- a incorporação de reivindicações das trabalhadoras nas pautas de negociação por fábricas e negociações coletivas;
- a conquista de um plano de formação voltado para as mulheres na sede e nas subseções, com o objetivo de subsidiar a ação da diretoria;
- as campanhas de sindicalização dirigidas também às mulheres.

Na Comissão de Mulheres da CUT Regional ABC, as trabalhadoras químicas, metalúrgicas, vidreiras, coureiras, professoras, bancárias, costureiras, entre outras, protagonizaram momentos de luta e unidade que fizeram a diferença num período de muita discriminação e preconceito contra as trabalhadoras. Priorizaram a formação de lideranças, sensibilizaram o meio sindical sobre a importância

de incluir as reivindicações das mulheres trabalhadoras nas pautas de negociação coletiva, incentivaram a participação de mulheres nas direções sindicais e da CUT, apresentaram propostas nos congressos da CUT Regional, que foram aprovadas e viabilizadas em planos de ação.

Ainda em 1986, a partir da ação conjunta das sindicalistas e os grupos de mulheres e feministas do Grande ABC, criou-se a Coordenação de Mulheres do ABCDMRP, um marco na organização regional das mulheres, que conquistou visibilidade e respeito e fortaleceu os laços entre o sindicalismo e o feminismo.

Muitas ações na década de 1980 foram frutos dessa unidade: a organização, em 1987, do primeiro ato público no dia 8 de Março, no paço municipal de São Bernardo, a participação em encontros nacionais e internacionais de mulheres (Garanhuns, Bertioiga e Argentina), os cursos de formação sobre vários temas na sede da CUT Regional, e a campanha pelos direitos das mulheres na Constituinte, em 1988 (o Lobby do Batom).

A importância da organização das mulheres no sindicato

As químicas, assim como as trabalhadoras de outras categorias, enfrentaram, e ainda enfrentam, problemas como: obstáculos à qualificação profissional, controle do uso do banheiro durante a jornada de trabalho, falta de creches, discriminações devido à maternidade, pouco acesso a cargos de chefia, assédio sexual,

Como vereadora por dois mandatos, a primeira mulher a assumir o comando do legislativo, Vice-Prefeita e secretária de Orçamento e Planejamento Participativo, pude representar as mulheres em espaços de poder sempre com o compromisso da luta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de oportunidades entre homens e mulheres na sociedade.

Ivete nos 70 anos
do Sindicato



discriminação racial, desigualdade salarial (em 2009, comparando a média anual de rendimentos dos homens e mulheres, verificou-se que as mulheres ganhavam em torno de 72,3% do rendimento recebido pelos homens, segundo dados do IBGE.

Ademais, sempre tiveram a dupla jornada de trabalho, agravada na atualidade pela crescente porcentagem de famílias chefiadas por mulheres. Assim, eliminar as discriminações contra as trabalhadoras no mercado e nas condições de trabalho foi o fator imediato da organização das trabalhadoras.

No entanto, uma das mensagens mais importantes que as trabalhadoras organizadas transmitem aos sindicatos é que a responsabilidade de lutar contra tais situações não é só das mulheres, mas de todo o sindicato. A mensagem, porém, ainda não é totalmente compreendida, existindo muitas deficiências na defesa dos direitos das trabalhadoras. Percebe-se que algumas lideranças masculinas assimilaram o debate e passaram a reconhecer os problemas enfrentados pelas mulheres nos locais de trabalho. Mas o grande desafio é que incorporem essa compreensão à sua prática cotidiana, numa defesa enfática da igualdade de gênero.

A participação igualitária na vida sindical é parte disso. Os avanços na inserção social e política das mulheres, nos últimos 40 anos, levaram à busca de superar sua quase ausência nos espaços de decisão, inclusive do sindicalismo. A adoção do percentual mínimo de 30% de mulheres na direção da CUT, em 1993, revelou muitas dirigentes e esvaziou argumentos como “as mulheres não se interessam por política”, “não há mulheres suficientes para ocupar os cargos” e similares. Hoje as sindicalistas da CUT reivindicam a paridade entre homens e mulheres nas direções da central, que será votada no congresso de julho de 2012.

A formação das mulheres ao longo destes anos e os benefícios diretos para a categoria e para a sociedade.

As mulheres vêm ocupando muitos espaços importantes na sociedade brasileira. Exemplo disso foi minha trajetória em Santo André, de 1997 a 2008. Como vereadora por dois mandatos, a primeira mulher a assumir o comando do legislativo, Vice-Prefeita e secretária de Orçamento e Planejamento Participativo, pude representar as mulheres em espaços de

poder sempre com o compromisso da luta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de oportunidades entre homens e mulheres na sociedade. Portanto, mais do que possível, é natural que as mulheres ocupem estes espaços e coloquem um olhar crítico sobre as políticas desenvolvidas nos municípios, no estado e no país, buscando o compromisso das instituições públicas e da sociedade com a igualdade de gênero.

O auge desse processo foi a eleição da primeira mulher para a presidência da República, em 2010. Em seu discurso de posse, a presidenta Dilma Rousseff afirmou seu compromisso com todas as mulheres brasileiras, que levou à prática, entre outras coisas, com a indicação inédita de nove ministras.

No entanto, ainda há muitos obstáculos e desigualdades a superar, exigindo o compromisso do Estado, das organizações de mulheres e outras de caráter democrático, como os sindicatos. As discriminações no mercado de trabalho; a violência contra as mulheres; a disparidade no número de homens e mulheres nas instâncias de decisão, como muitos sindicatos, o poder executivo e legislativo; as discriminações contra as mulheres na mídia; as barreiras não formais à ascensão profissional e política das mulheres, entre outros.

Os avanços das mulheres e da crescente construção de uma sociedade igualitária beneficiam toda a sociedade, não somente as mulheres. Uma sociedade democrática tem que incluir a igualdade de oportunidades, de acesso e de participação nas decisões de todos os grupos sociais que a compõem, entre eles as mulheres. Somos mais da metade da população e, no Brasil, mais da metade

A descoberta de nós mesmas como sujeito transformou concepções e práticas que repercutiram no movimento sindical (...). Tal descoberta foi permeada por muitas renúncias, desencontros, conflitos, medos, inseguranças, retrocessos, recompensados, no entanto, por vitórias, encontros, aprendizados e, fundamentalmente, pela emoção e alegria de nos sentirmos mulheres renovadas!

do eleitorado. Não há nenhuma razão que explique ou justifique disparidades entre homens e mulheres, a não ser baseadas no preconceito e no machismo que, infelizmente, ainda persistem em muitos âmbitos e mentalidades. A convivência e o respeito às diferenças vale para homens e mulheres, e também para as raças e etnias e as orientações sexuais.

Por fim, gostaria de ressaltar que, para nós, mulheres que aceitaram o desafio de se dedicar à militância sindical, podia-se verificar quão significativo foi o impacto em nossas vidas. A descoberta de nós mesmas como sujeito transformou concepções e práticas que repercutiram no movimento sindical e em nossas vidas, descortinando novas possibilidades nas relações entre homens e mulheres. Tais descobertas foram permeadas por muitas renúncias, desencontros, conflitos, medos, inseguranças, retrocessos, recompensados, no entanto, por vitórias, encontros, aprendizados e, fundamentalmente, pela emoção e alegria de nos sentirmos mulheres renovadas! ●

A escritora Clarice Lispector tem uma frase inspiradora para manter a garra das mulheres:

Liberdade é pouco, o que eu desejo não tem nome.

Uma Nova Mulher

Paulo Debetio e Paulinho Resende
(interpretada por Simone)

Que venha essa nova mulher de dentro de mim,
Com olhos felinos felizes e mãos de cetim
E venha sem medo das sombras, que rondam o meu coração,
E ponha nos sonhos dos homens
A sede voraz, da paixão

Que venha de dentro de mim, ou de onde vier,
Com toda malícia e segredos que eu não souber
Que tenha o cio das onças e lute com todas as forças,
Conquiste o direito de ser uma nova mulher

Livre, livre, livre para o amor...
Quero ser assim, quero ser assim
Senhora das minhas vontades
E dona de mim

Que venha essa nova mulher de dentro de mim
Que venha de dentro de mim ou de onde vier
Que venha essa nova mulher de dentro de mim



MULHERES
QUÍMICAS ABC

10 Anos

"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur. Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum."

